

MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIA DE “TERRA: LAMPIÃO E A BARONESA”, DE HELOÍSA PRIETO

Mestranda Renálide de Carvalho Morais Fabrício (PPGFP – UEPB)

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (PPGFP – UEPB)

Introdução

A literatura infanto-juvenil é heterogênea, especialmente, quanto aos seus temas, indo do mundo povoado por reis e bruxas a questões contemporâneas como gênero, etnia, medo, morte e sexualidade, entre outros assuntos de igual importância. O livro “Terra: lampião e a baronesa”, de Heloísa Prieto (2002), com franca influência da cultura popular, narra a história de uma menina cidadina que passa as férias na fazenda do seu tio, no sertão baiano, lugar onde escuta várias narrativas populares, difundidas pelos narradores que povoam o universo do sertão nordestino. Tais histórias versam sobre vários temas como amores, magia, fenômenos sobrenaturais, assim como sobre as histórias de Lampião e seu bando, que é o personagem mais recorrente nas narrativas apresentadas.

O livro é destinado às crianças e conta histórias cheias de magia e segredo, retiradas do universo da cultura popular. Há um entrelaçamento de narrativas, pois existe uma menina que é personagem-narradora e que conta do tempo em que era pequena e ia visitar seu tio Paschoal, ao mesmo tempo em que este aparece como o contador das histórias que são anteriores ao nascimento da menina, histórias da infância dele. São contos que se passam no sertão da Bahia, marcado pelas histórias da cultura popular, cuja presença é mais frequente “no meio rural e em cidades do interior.” (AYALA e AYALA, 2008, p. 14), e são situados num tempo anterior à televisão, em que era mais comum as pessoas entregarem-se à experiência de ouvir histórias. Dessa maneira, nas histórias de Prieto apresentadas no livro supracitado, o que importa é o saber da “(...) Experiência que passa de pessoa a pessoa, [e que] é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, p.198).

Na apresentação da obra, Lilia Moritz Schwarcz observa a dificuldade de enquadrar as histórias sobre Lampião, contadas nesta narrativa, numa visão positivista e sucessiva da história, já que, no tempo dos hábitos e costumes, “o que era certo vira matéria de negociação” (2002, p.7). Essa perspectiva coaduna-se à tese de Chartier que afirma que “as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual,

também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história" (2010, p.21).

A partir dessas problematizações, podemos perceber a fragilidade da distinção entre ficção e realidade na obra em questão, pois as histórias contadas não podem ser classificadas nem como totalmente verídicas, nem como totalmente inventadas, já que o personagem que mais aparece nas contações é uma figura que teve sua existência histórica, mas que também vive encoberta pelos mitos e pelas lendas criadas e constantemente recriadas pelo povo.

Por isso, Schwarcz afirma que "Lampião é um bom pretexto para acabarmos de vez com as divisões firmes que separam a história da lenda" (2002, p.8). Essa apresentação incitou-nos a estudar o livro de Prieto buscando sua relação com a memória coletiva do povo nordestino ficcionalizada a partir da personagem do contador de histórias, ocupada, no decorrer da narrativa, por três figuras: Tio Paschoal, Zelão e dona Cida.

Por outro lado, também refletimos sobre o lugar de ouvinte da menina da cidade grande, personagem-narradora que conta, a nós leitores, as aventuras vividas na infância e as histórias que ouviu, nesse tempo, com a atenção de quem sabe da importância desse momento já tão escasso em nossa sociedade contemporânea e, principalmente, na metrópole onde ela vive: São Paulo.

Para efetuarmos nossa análise, experiência, memória, ficção e cultura popular constituíram conceitos fundamentais na compreensão da obra de Prieto, pois nela encontramos elementos relacionados à experiência da vida dos narradores, sua memória e seu modo de ver o mundo, arraigados na realidade experimentada pelo povo, transmitida de boca em boca e recriada em suas narrativas recheadas de vida.

Para começo de história...

O livro inicia-se com uma menina narradora, que nos apresenta seu tio Paschoal, um grande contador de histórias. As páginas brancas indicam a história principal, contada pela menina, e as marrons são as páginas em que os narradores apresentados pela garota contam suas histórias cheias de encantamento e elementos da cultura popular. Tais narradores, como a menina, são também personagens, pois participaram das histórias que contam, sendo figuras essencialmente pertencentes ao lugar de onde saem tais narrativas, característica essa que os aproxima do conceito benjaminiano de narrador (1994), como uma figura pertencente à comunidade, que narra seus acontecimentos, os quais ouviu ou viveu, tendo por isso credibilidade para passá-los adiante, recorrendo à memória coletiva.

A menina, personagem principal da narrativa, adorava passar as férias na casa do tio Paschoal, no interior da Bahia, onde se encantava com as histórias que somente lá podia ouvir, já que em São Paulo, lugar onde morava, esse fenômeno de contar e ouvir histórias é incompatível com o ritmo voraz da cidade grande, tornando-se escasso. Ela disputava com seus primos o direito de montar cavalos, enfrentando-os com coragem cada vez que eles a queriam longe das brincadeiras de meninos. Só uma coisa a acalmava, ouvir as histórias contadas pelo tio.

O fato da menina só se acalmar quando ouvia as histórias contadas pelo tio reafirma, por um lado, o que diz Benjamin sobre a experiência: “ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens, de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias” (2012, p.123); por outro, desmente, embora somente na ficção, já que a realidade se mostra cada vez mais pobre de experiência, a afirmação do filósofo citado, segundo a qual as experiências estão em baixa, pois a menina adorava ouvir os mais velhos contarem suas histórias. Todos os narradores que aparecem nas narrativas de “Terra: Lampião e a Baronesa” são pessoas mais velhas, ligadas à comunidade nas quais as histórias se passaram, o que os aproxima do conceito de narrador tradicional de Benjamin, sobre o que falaremos mais adiante.

Portanto, a menina demonstra uma atitude inversa ao que afirma Benjamin na citação que segue, pois, ao invés de abandonar “(...) Todas as peças do patrimônio humano(...) para receber em troca a moeda miúda do atual” (BENJAMIN, 2012, p. 123), ela valoriza a experiência dos mais velhos que lhe contam suas histórias. Dessa maneira, podemos dizer que as histórias contadas por Prieto, assim como encantam nossa narradora menina, também podem tornar a encantar nossas crianças do campo e da cidade, dentro e fora da escola, de modo que entendamos que a cultura popular não morreu, as crianças e adultos não deixaram de gostar de histórias. O que é necessário é compreender que a cultura oral e comunitária não foi aniquilada, mas se transformou: “O que mudou, (...), foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las”(CHARTIER, 1995,p. 182). Essas identidades, a que Chartier faz referência, podem ser entendidas no contexto de nossa apreciação da obra como os elementos que tradicionalmente dão forma ao que é chamado de cultura popular, como a oralidade, a vida no campo e as histórias que o povo conta por lá, sem muita preocupação com a verdade histórica.

Sobre os meios que poderiam, porventura, aniquilar a cultura da oralidade, pensemos, por exemplo, na invenção da escrita, da imprensa e do romance: o que, para alguns, poderia

indicar o desaparecimento da cultura popular, das histórias orais, da “Experiência que passa de boca em boca, [que é]a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 2012, p.214); para outros, pode ser uma maneira de eternizar as histórias narradas oralmente, como afirma Lajolo, em seu artigo *Literatura infantil brasileira e estudos literários*:

A importância da escrita para a permanência de enredos e personagens na memória de uma dada comunidade: escrever histórias é forma de conferir eternidade às personagens que dela participam, ensinar o texto. E nas entrelinhas da história, outro recado: ler histórias faz o leitor participar dessa eternidade (2010, p.107)

As serpentes da terra

A primeira narrativa que constitui o livro chama-se “As serpentes da terra”; nela, tio Paschoal conta à sobrinha sobre a maldade da serpente e a amizade desta com uma mulher, para falar da história da menina encantadora de serpentes que apareceu um dia na fazenda para domar as serpentes que lá se encontravam, abrindo um buraco no chão e tangendo-as para dentro dele, num ato de feitiçaria que transcende a história real e segue pelo caminho do mito e da imaginação populares. Essa história nos remete ao mito bíblico de Adão e Eva, em que a mulher tem uma relação próxima com a serpente de quem aceita o fruto do bem e do mal e com o que incita o homem a também querer dele provar, de modo que encontramos as recriações e ressignificações próprias da cultura popular.

Um traço curioso dessa primeira narrativa é que a menina feiticeira, segundo o narrador, não podia ser fada porque tinha cara de índia, numa clara referência à nossa cultura ancestral, às nossas especificidades étnicas. Tal trecho nos remete ao que Ayala e Ayala, em “Cultura popular no Brasil”, afirmam: “A procura do típico é um dos meios de afirmação da identidade nacional” (2008, p.12). Nossas feiticeiras primeiras não eram fadas, mas índias, por isso o narrador, ao dizer essa característica da menina encantadora de serpentes, aproxima sua história do imaginário brasileiro, rompendo com a imposição de uma cultura de fora e trazendo para dentro do texto aquilo que nos toca, que mexe com nossa memória coletiva. Seria, de algum modo, o saber da experiência, passado de geração a geração, que nos levaria à ideia de que nossa feiticeira não seria uma fada, mas uma índia, constatação que ratifica a afirmação de Larrosa, em “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, de que “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”. (2002, p.26)

Dessa forma, vimos que a cultura popular pode aproximar-se das nossas raízes culturais, através da busca pelo típico e da inserção do saber da experiência na elaboração e na propagação de nossas histórias. As histórias que o povo conta são recheadas de vida, como disse Roger Bastide, referindo-se ao folclore: “O folclore só é compreensível quando incorporado à vida da comunidade(...) O folclore não flutua no ar” (*apud* AYALA E AYALA, 2008, p. 32). Se entendermos a palavra folclore aí expressa como sinônimo de cultura popular, entenderemos que só será possível observarmos os traços de uma dada manifestação da cultura popular se compreendermos os vínculos inseparáveis que a mesma possui com a dinâmica da vida que a embala e abriga.

Mulher rendeira

A segunda narrativa constituinte da obra de Prieto em perspectiva reafirma o que disse Lígia Cadermatori sobre Lampião: “embora tenha, de fato vivido, [Lampião] existe mesmo é no imaginário do povo” (*apud* ARAUJO SÁ, 2011, p.1). Nela, a menina ouvirá da boca de dona Cida, uma senhora colhedora de algodão, a história da chegada de Lampião e Maria Bonita numa fazenda do interior da Bahia. A narrativa ilustra bem o imaginário popular sobre o cangaceiro e também sobre o cangaço, pois sua mulher e seu bando serão personagens importantes desta passagem da obra. A contação explora como Lampião se vestia, com seu chapéu em homenagem a Napoleão; como se portava quando chegava nos lugares, de maneira altiva e própria de um capitão; como Maria Bonita, a única mulher no bando, era simples e bonita, cuja beleza admirava a todos, principalmente ao governador do sertão que, segundo Dona Cida, não tinha olhos para outra, nem para Bastiana, personagem feminina com personalidade forte que adorava brincar com os sentimentos dos homens, para enfeitiçá-los, mas que não conseguiu o seu intento com Lampião, pois este já havia dado seu coração para Maria Bonita.

Esse trecho da história mostra que a literatura infantil pode abordar temas históricos como é o caso do cangaço e da vida de Lampião, apresentados neste livro. Araújo Sá, em seu artigo “O Cangaço na Literatura Infanto-Juvenil”, apresenta: “Heloísa Prieto elabora uma narrativa histórico-literária sobre as façanhas de Lampião a partir da tradição oral, incorporando vozes marginalizadas como é o caso da religiosidade afro-brasileira”, pois “por conta dos orixás que Lampião consegue escapar da bruxaria de Bastiana, que objetiva humilhá-lo com seu charme irresistível (...)” (2011, p.3). Dito isto, podemos perceber a

cultura popular e sua relação com a religiosidade, destacando a força mágica com que o divino defende seu protegido.

Para finalizarmos, citamos outra observação importante realizada por Araújo Sá: “Nos últimos anos, deixando de lado o viés social da interpretação do cangaço, a maioria dos livros para crianças que aborda o tema do cangaço desenvolve suas narrativas, tendo como enredo o amor de Lampião e Maria Bonita” (2011, p.1). Na narrativa “Mulher rendeira”, o amor de Lampião e Maria Bonita mostra-se realmente inabalável, nem a guerra, nem a bruxaria, nem a sedução de outras mulheres pôde destruí-lo.

Lampião e a Baronesa

Contada por tio Paschoal, essa história leva o título do livro e apresenta uma versão sobre Lampião como um líder, uma espécie de Robin Hood do Sertão, defensor dos pobres. De um lado estava Lampião e o povo e do outro, os poderosos que ameaçavam “Quem desse refúgio ao capitão” (PRIETO, 2002, p.25). A representação de Lampião, nesse momento da narrativa, aproxima-se das representações coletivas situadas “na tensão entre as representações impostas pelos poderes e pelas ortodoxias e a consciência de pertinência de cada comunidade” (CHARTIER, 2010, p.51). Para o autor, as representações coletivas tendem a rejeitar modelos impostos, e esse é o caso da representação de Lampião apresentada por tio Paschoal, que renega a imagem do cangaceiro como bandido, imposta pelo governo da época e pelas autoridades em geral.

Nessa passagem do livro, Lampião é apresentado com um homem moderno que gosta de perfume francês, de cinema, anéis de prata; um homem que possuía livros e possibilitava o acesso das mulheres do bando à leitura, ao contrário do que ocorria na sociedade da época, pois à mulher era renegado esse direito, pelo pouco acesso que se tinha à escola. Além de apresentar-nos algumas das faces de Lampião, a narrativa de tio Paschoal nos fala sobre o encontro de Maria Bonita e o cangaceiro, das façanhas do capitão, de seu camarada Corisco, da tomada da cidade da baronesa pelo bando de Lampião, e da simpatia do povo para com o Virgulino Ferreira da Silva.

Vale salientar que todas essas histórias originam-se não de uma explanação histórica, ou de uma representação do passado documental, mas provêm da reminiscência, fonte da memória popular, advinda da experiência e difundida de boca em boca, e da escrita dessa memória no nosso tempo. Chartier (2010) é quem faz essa distinção entre reminiscência e explanação histórica: aquela é referente à memória e ao reconhecimento do passado, e esta à

história e à representação do passado. Para nossos narradores, o que se apresenta é a importância da memória que se efetiva no testemunho do ouvido ou do vivido que é repassado às próximas gerações.

O passado, certificado nas narrativas aqui apresentadas, é o de Lampião, é o de tio Paschoal, o de dona Cida e o de Zelão, mas é também, ao mesmo tempo, o passado daquele povo sertanejo que viu as peripécias do bando de lampião, que ouviu suas histórias e que é responsável por eternizá-las no imaginário popular e nas manifestações da cultura, que vão desde a oralidade até a escrita, passando pela música, dança, teatro, literatura e cinema.

Corisco e Dadá

Contada por Zelão, um peão da fazenda, essa história narra o encontro de Dadá com Corisco, um valente amigo e jagunço de Lampião. Ela é levada à força, sem oferecer resistência alguma, pelo cangaceiro para ser sua esposa. Zelão também conta sobre o aparecimento do turco que trouxe o cinema para o sertão da Bahia e virou um grande amigo de Lampião. A chegada do cinema no universo dos cangaceiros nos é apresentada através da contação de uma bem humorada história, que é a da exibição do primeiro filme para o bando: “A paixão de Cristo”. Este episódio torna-se cômico, pois, no momento em que o messias fora violentado, o bando de Lampião indignou-se com os açoites e quis vingar o Cristo, jogando pedras na tela e querendo acabar com quem fazia o messias sofrer.

O que nos chama mais atenção no relato do peão é que ele relativiza a veracidade das histórias sobre Corisco, quando afirma não saber se é verdade o que conta. Ele diz “a gente nunca sabe” (PRIETO, 2002, p.36), como se quisesse nos advertir de que não há como comprovar a veracidade de histórias que são fundamentadas essencialmente na memória. Para nós, a atitude de Zelão, o aproxima da visão de Chartier sobre a fragilidade da distinção entre realidade e ficção, pois, segundo este autor, os historiadores abandonaram “a certeza de uma coincidência total entre o passado tal como foi e a explicação histórica que o sustenta” (2010, p.11), o que aproxima ainda mais as verdades produzidas pela história, pelo mito ou pela literatura, ratificando a afirmação de que “a ficção é um discurso que informa do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele”. (2010, p.24)

Zelão quer nos mostrar a importância da sua história, respaldada na moeda da memória, para a transmissão de conhecimentos e valores sociais. E é por isso que “essas histórias duram tanto e são tantas vezes reescritas e [recontadas] porque servem sob medida de transmissão de valores importantes para a sobrevivência humana”. (LAJOLO, 2010,

p.108). Percebemos que as narrativas infantis, mesmo essas aqui apresentadas cuja temática se volta para a história de Lampião e seu bando, possibilitam a preservação da memória de um povo e a escrita dessas histórias, pautadas na experiência populares, como patrimônio cultural do povo.

Biliana, Docinho e Josira

História contada por dona Cida, essa narrativa traz elementos mágicos da cultura popular, como a intervenção do rei Xangô, que fez chover no sertão, atendendo às rezas das negras velhas Biliana, Docinho e Josira, que pediam proteção aos orixás para que o bando de macacos, como eram chamados os policiais, não capturassem Lampião, e, em troca de suas rezas fortes, Lampião protegia as velhas feiticeiras.

Nesse momento da história, podemos perceber mais uma idealização da figura de Lampião, pois além de ser apresentado como defensor dos pobres também demonstra respeito às religiões de matriz africana. A memória, os sonhos, as canções e a poesia do povo nordestino são elementos que aparecem nas histórias como representativos da nossa identidade cultural: a lua, a rede e o chá ambientam e embalam as noites de contação de história e conversas, que encantam a narradora citadina, cujo ambiente natal não a proporciona a mesma experiência com as narrativas populares, ao menos, com a frequência desejada pela menina, que se mostra apaixonada por ouvir as histórias contadas por seu tio Paschoal e pelos outros narradores.

A garota reencontra o nordeste habitado pelos enredos da tradição, através das memórias contadas pelos narradores do sertão baiano, identificando-se com os modos de viver e de contar as histórias do povo dessa região. O nordeste que aparece para a menina ouvinte é o “que surge na paisagem imaginária do país, [...]fundada na saudade e na tradição” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p.139). A menina tem saudade do universo da fazenda de seu tio Paschoal, pois como ela afirma “No sul, a gente não encontra as façanhas de Lampião” (PRIETO, 2002, p.45). Já que o contato com a cultura popular no lugar de onde veio é difícil, a narradora citadina constitui-se uma exímia ouvinte de histórias que vêm do passado, aproveitando, ao máximo, a companhia dos contadores de histórias da fazenda. Só as histórias que ouve parecem acalmar a peraltice da menina.

Para terminar...

Percebemos como os narradores do livro de Heloísa se aproximam do conceito de narrador tradicional proposto por Walter Benjamin (2012), cuja experiência carrega suas histórias de credibilidade e autoridade já que ele atualiza saberes distantes, compartilhadas coletivamente. Nessa perspectiva, os narradores recorrem às fontes orais, à memória coletiva e às suas experiências para contarem as histórias, como já foi dito.

Se a experiência é aquilo que nos toca, como diria Larrosa (2002), a leitura da obra ora analisada, pelo potencial de encantamento das histórias, é capaz de interessar o leitor, mesmo o mais distante do conjunto de referências que, aqui no nordeste, são comuns, pois a narrativa apresenta um universo rico, constituído de aventuras, de cangaço, dos amores, da magia, realçando, entre outros aspectos, valores como coragem, esperteza, justiça e afeto verdadeiro.

Desse modo, a difusão da leitura de obras como esta de Heloísa Prieto na escola, possibilita o debate em torno dos valores culturais e humanos, colaborando com a construção da identidade de nossos alunos. A escola, como um grande ponto de discussão de livros não pode furtar-se a difundir também a literatura infanto-juvenil que traz elementos da cultura popular, com o fim de apropriar-se do contar histórias e possibilitar às narrativas populares um território digno, para que possa ter visibilidade, recebendo a valorização que lhe é devida.

A escola deve propiciar o letramento literário, para formar novos leitores, que, entre outras habilidades, compreendam a história de seu povo. Por isso, é importante inserir nos currículos das universidades, para a formação de professores, e nos currículos das escolas, para a formação de nossos alunos, histórias advindas da memória do povo, sejam elas orais ou escritas, pois, como já dizia o dito popular, um povo sem memória é um povo sem história.

São estas histórias, que recorrem à memória do povo e atualizam seus mitos, seus modos de viver e de pensar o mundo, que povoaram o nosso artigo. O livro “Terra : Lampião e a Baronesa”, de Heloísa Prieto, reúne um conjunto de narrativas, de vasto sabor popular, que leva qualquer criança ou adulto a querer adentrar no mundo do sertão da Bahia, para viver tantas histórias emocionantes, junto com nossa pequena personagem-narradora e seus companheiros, também personagens-narradores.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos. (Orgs). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 139-161.

- ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando. O Cangaço na Literatura infanto-juvenil. Anais do Silel. V.2,n.2. Uberlândia. EDUFU,2011.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.
- BOSI, Alfredo. Cultura com tradição. In: BOSI, Alfredo et. al. *Cultura brasileira: tradição e contradição*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987, p.31-58.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, RJ, v.8, 1995, n.16,p.179-192.
- _____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira e estudos literários. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília. Jul – Dez 2010.
- PRIETO, Heloisa. *Terra - Lampião e a Baronesa*. Ilustração de Cárcamo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.